

TU, SURPRESA NA MINHA VIDA. NO ACOLHIMENTO, A AUDÁCIA DE UM ENCONTRO

APONTAMENTOS DO ENCONTRO DOS RESPONSÁVEIS
DAS FAMÍLIAS DE ACOLHIMENTO COM JULIÁN CARRÓN

13 DE NOVEMBRO DE 2020

Tu, surpresa na minha vida. No acolhimento, a audácia de um encontro
Apontamentos do Encontro dos Responsáveis das Famílias de Acolhimento
com Julián Carrón
Por videoconferência, 13 de novembro de 2020

Luca Sommacal. Boa noite a todos, e bem-vindos. Em primeiro lugar, agradeço de todo o coração ao padre Julián por ter aceitado estar aqui connosco esta noite, e pela companhia que há vários anos faz ao nosso caminho. Contigo, os nossos passos são definitivamente mais conscientes e seguros.

E saúdo também todos os amigos ligados de Itália e do exterior: Espanha, Suíça, Roménia, Brasil, só para citar alguns.

Relembro que é possível acompanhar a Assembleia em espanhol clicando no ícone do mapa mundo que encontram em baixo, à direita, para ativar o serviço de tradução.

Esta noite gostaríamos de falar sobre o "Fio Condutor", texto que sugerimos este ano acompanhar o caminho da nossa Associação, cujo título é: *Tu, surpresa na minha vida. No acolhimento, a audácia de um encontro*.

O tema nasce do trabalho feito sobre o diálogo contigo, no ano passado, e que retomaste também na Jornada de Início de Ano do Movimento, quando nos recordavas a importância de olhar e seguir o que Deus está a fazer nas nossas vidas. No ano passado, disseste-nos: «O início é a comoção de Deus por nós; e nós, sob a pressão desta comoção que recebemos, podemos comover os outros, viver a caridade para com os outros» (*Apontamentos do diálogo da Diretiva das Famílias de Acolhimento com Julián Carrón, Milão, 7 de novembro de 2019*).

Vivemos assim os primeiros meses deste ano marcados de forma dramática – como ainda hoje – pela pandemia, e descobrimos a essencialidade do outro para nossa vida. Um «tu» feito dos rostos das nossas mulheres e dos nossos maridos, dos filhos biológicos e daqueles que acolhemos; rostos através dos quais o Mistério, o «Tu» do Senhor, se fez mais uma vez companheiro do nosso caminho, apoiando-nos e despertando o nosso coração com um ímpeto, uma audácia que gerou uma criatividade inesperada. Como, por exemplo, a peregrinação de 7 de outubro último com o Arcebispo de Milão que, transmitida via satélite, permitiu a todos os nossos amigos espalhados pelo mundo viverem um momento de comunhão e de oração de outro modo impossível e, ao mesmo tempo, deu a conhecer a nossa experiência a tanta gente que não conhecemos (estavam ligadas mais de mil e quatrocentas pessoas!).

Nestas últimas semanas, voltou a emergir, em alguns aspetos de forma ainda mais violenta, o mesmo drama que vivemos na primavera passada. O que descobrimos e aprendemos não é garantia de uma consciência já adquirida, como se fosse possível aplicar mecanicamente esquemas e conhecimentos consolidados para enfrentar este período difícil.

Em certo sentido, tudo recomeça, como nos recordas tantas vezes com as palavras de Bento XVI: «A liberdade do homem é sempre nova [...] pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem, cada geração, seja um novo início» (Carta Encíclica *Spe Salvi*, 24).

Precisamente por isso, queríamos ser ajudados a reconquistar aquela consciência de nos falavas em novembro de 2019, e que começámos a experimentar no caminho deste ano.

Tendo em vista este nosso encontro, chegaram muitos contributos e perguntas. Identificámos alguns testemunhos que achamos que podem ajudar a refazer o caminho que fizemos e, ao mesmo tempo, a aprofundar as experiências que estamos a viver.

Mas antes de começar com os contributos, passo-te a palavra para uma saudação a todos.

Julián Carrón. Boa noite a todos. Estou verdadeiramente grato por poder partilhar convosco este momento, porque vocês – desde que nos encontrámos pela primeira vez – foram sempre um testemunho para mim, mostrando-me como a vossa vida floresce diante dos desafios exigentes de que falaremos hoje e que vocês enfrentam com audácia. Por isso, vamos começar, porque eu estou aqui mais para aprender do que para dizer alguma coisa em especial, uma vez que na vossa vida está já tudo aquilo que precisamos de olhar e seguir.

TESTEMUNHOS E PERGUNTAS

A. SEGUIR O QUE DEUS ESTÁ A FAZER

Sommacal. Começamos com uma pergunta e um testemunho de Espanha, que introduzem bem o que significa olhar e seguir o que Deus está a fazer nas nossas vidas e o que pode gerar viver sob a pressão desta comoção.

De Espanha, *queríamos fazer uma pergunta, juntamente com um pequeno testemunho de gratidão.*

Pedíamos para aprofundar o que significa, na experiência, que «da natureza nasce o terror da morte, da graça nasce a audácia» (cf. São Tomás de Aquino, Super Secundam at Corinthios, 5,2). Queríamos ajudar-nos mutuamente, e ajudar mais as famílias que sentem dificuldades na sua vivência do acolhimento a fazer a experiência de bem que vem da graça. São muitas entre nós, e a maior parte são experiências positivas cheias de esperança, mas diante daqueles que têm dificuldades, grandes dificuldades, e vivem situações objetivamente muito duras, como é que nos podemos posicionar? Como é que podemos ajudá-los a caminhar? Em muitos casos, tanto as crianças acolhidas quanto as famílias que as acolhem sentem dificuldades. Nem sempre é fácil reconhecer Cristo no rapaz que acolhemos e isso é desafiado pelo que está escrito no "Fio Condutor", quando se diz que «a audácia implica [...] uma obediência ativa às circunstâncias [concedidas], marcada pela esperança: ("uma certeza no futuro em virtude de uma realidade presente")».

No Seminário Nacional do ano passado, em Peschiera, ouvimos como tantos jovens mais velhos, já adultos, testemunham que este caminho continua e que os nossos tempos não são os Seus tempos. Vemos que é preciso tempo para saber o que será da vida desses filhos, esperando, sem perder a confiança, de que o seu destino está nas mãos de Deus.

Pedimos-te uma ajuda para não perdermos de vista esta esperança, e podermos acompanhar melhor as muitas famílias que sentem dificuldades.

Acrescento, agora, um pequeno testemunho pessoal de gratidão: eu sou a vice-presidente das Famílias de Acolhimento em Espanha há muito tempo, este ano é o vigésimo aniversário da Associação. Estou sempre a colocar o meu cargo à disposição do Conselho Diretivo, mas nunca mais chega o momento de largar a Vice-Presidência. Vejo que esta minha continuidade no Conselho foi um grande dom para mim, para a minha vida, sobretudo neste último período. Há três anos, todos nós e outras famílias tivemos que sair duma casa-família e, naquela ocasião, pude experimentar – lembro-me do dia em que vieste jantar connosco na casa –...

Carrón. Eu também me lembro bem.

Naquela ocasião, pude realmente experimentar o que significa que da natureza nasce o risco da resignação ou da indiferença superficial, que para mim foi muitas vezes uma tentação. No meu caso particular, isso era acompanhado por uma grande tristeza, que experimentei quando vi que o nosso projeto não ia para a frente. Naquele momento de profunda tristeza – como nunca experimentei na minha vida, nunca –, pude descobrir em que sentido o eu é relação com os amigos, é relação com um outro, em primeiro lugar com o Senhor, depois, com o meu marido – pude realmente experimentar uma ternura da sua parte pelo meu sofrimento – e com uma companhia real que ainda me espanta pela beleza que experimentei no meio de toda esta tristeza. Também com as pessoas mais próximas e, acima de tudo, com o meu grupo de Fraternidade e com muitos amigos que tu conheces bem, com o Conselho Diretivo das Famílias de Acolhimento e com muitas pessoas da Associação, onde encontrei a coragem de uma amizade atravessada pelo Senhor. Ofereci sempre o meu cargo porque acreditava que para a Associação era um peso manter uma pessoa com um sofrimento tão grande no coração, especialmente nos últimos dois, três anos. Em vez disso, os meus amigos do Diretivo insistiram sempre para que eu ficasse e, neste tempo, pude testemunhar muitas histórias bonitas. Nos últimos meses, decidimos fazer um documentário para celebrar os vinte anos da Associação Famílias de Acolhimento em Espanha. Com a ajuda e o incentivo do Javier Prades, também começámos a preparar uma bela exposição com pinturas do Museu do Prado, que contam a experiência da adoção. Durante este período, eu e as pessoas do Diretivo pudemos ouvir muitos testemunhos, que nos permitiram perceber como é fácil o cristianismo, porque não somos nós que o fazemos acontecer, mas é Ele que o faz acontecer. Isso foi, e tornou-se para mim, uma certeza no meio de toda a grande dor que eu sentia e que, às vezes, ainda sinto. Eu queria que esta certeza, esta alegria acontecesse com a nossa história, com a casa-família, e não aconteceu, mas Deus faz com que aconteça em muitos outros lugares. E nós, do Diretivo de Espanha, queremos seguir

o que vemos acontecer. Fazendo este documentário, tivemos a oportunidade de juntar muitas pessoas, que falaram sobre o significado do acolhimento nas nossas vidas e, vendo a sua resposta favorável, ficávamos tocados e gratos pelo milagre que o Senhor fez acontecer no meio de toda a nossa miséria, do nosso limite, do nosso pecado, tão grande muitas vezes. Esta certeza permitiu-nos estar cada vez mais abertos a novas realidades que não têm nada a ver com a nossa história. Também várias comissões da Administração Pública finalmente nos abriram pequenas portas: estamos, por exemplo, a organizar um programa que permitirá que cerca de trinta crianças possam ter aulas fora de suas casas. A relação com estas Associações está a tornar-se verdadeiramente uma coisa muito bonita e algumas delas começaram a colaborar connosco fazendo aquilo a que chamam "o voluntariado". Creio que tudo isto é fruto da audácia que nasce da graça e agradecemos muito à Associação italiana, que torna tudo isto possível. Para nós, são como os pais que sempre cuidaram de nós com uma estima infinita, com uma grande ternura e uma grande paciência, e nos ajudaram a crescer. Obrigada também a ti, Julián, pela tua companhia.

Carrón. O que significa que «da natureza nasce o terror da morte, da graça nasce a audácia»? Penso que todos nós, agora, devido às circunstâncias que estamos a viver em todo o mundo, vemos como da natureza nasce apenas o medo, nasce o terror. Poderíamos usar diferentes palavras para dizer que não somos capazes de nos darmos a nós mesmos aquele apoio, aquela esperança - de que tu falaste - que só pode vir da graça, ou seja, de alguma coisa que nos aconteceu, como sempre repetimos com Péguy: «Para esperar, é preciso ter recebido uma grande graça» (cf. Ch. Péguy, *O pórtico do mistério da segunda virtude*, Grifo, Lisboa, p.16). Tudo o que tu descreveste mostra como é que esta graça permanece, mesmo no meio de todos os problemas, das dificuldades, dos tempos que não voltam com os jovens, com os filhos, e isso documenta o poder da graça. No vosso "Fio Condutor", como vocês lhe chamam, descrevem isto muito bem: às vezes vocês sentem-se «perdidos», nesta situação em que nos encontramos, às vezes cheios «de incerteza», etc. E tocou-me que tenham escrito: «No entanto», surpreendidos «com o florescimento de uma graça inesperada», com a vida, ou seja, com aquilo que Ele faz. Este «No entanto» diz-nos que a surpresa desta graça continua a acontecer, porque se há alguém entre nós que vive constantemente numa situação de total desafio, são vocês, porque não é a mesma coisa fazer um gesto de caritativa uma vez por semana, ou a cada quinze dias, ou viver o acolhimento vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, trezentos e sessenta e cinco dias por ano - é este o acolhimento que vocês fazem. Mas, ao mesmo tempo, precisamente porque são tão audazes, vocês perguntam-se: «De onde nasce esta capacidade?», uma vez que se apercebem cada vez mais de que as dificuldades são tão incomensuráveis em relação às vossas forças que se torna mais claro que sozinhos - ou seja, só com a energia da natureza - não seriam capazes. Por isso, irrompe com toda a sua força a surpresa deste «No entanto»: no entanto, não podem deixar de se surpreender com o florescimento da vida, ou seja, com esta gratidão, esta audácia, esta liberdade que encontram em vocês, que surpreende todos, até a Administração Pública, como tu dizias. E isto vem de onde? Tu disseste-o: de seguir o que vocês veem acontecer diante dos vossos olhos e que é Ele que faz. Foste tu que o disseste, dum modo muito eficaz: «Como é fácil o cristianismo, porque não somos nós que o fazemos acontecer, mas é Ele que o faz acontecer». Isto é evidente precisamente quanto mais somos desafiados pela pandemia e pelas dificuldades com os filhos, porque as coisas não correm bem ou eles fazem o que têm na cabeça, e nós temos de esperar pelo tempo deles, como os vossos testemunhos nos fazem ver com ainda maior clareza: que certeza é necessária para esperar o tempo deles! Mas só o ver estas coisas - como me dão a oportunidade de ver esta noite - é o sinal mais evidente da graça que está a acontecer, porque sem esta graça não seria possível. Então, como é que se entende uma frase como aquela sobre o medo e a audácia? Não virando a cabeça para o outro lado, mas olhando, olhando para o que está a acontecer diante dos vossos olhos, porque é a única coisa que vos irá convencer de que a graça é uma coisa real e não pode ser fruto de nenhuma estratégia - porque com os filhos, muitas vezes, nenhuma estratégia é suficiente -. Que, depois de anos, vocês continuem a viver com esta alegria, espantando-vos com tudo o que veem florescer, é o sinal mais evidente da graça em ação: uma graça que encarna nos amigos, na companhia mútua que se fazem e que vos sustenta. Tudo é sinal daquele Tu de que vocês falaram este ano e que reconhecem constantemente entre vocês. Por isso, a única maneira de perceber expressões deste tipo é olhar. A mim surpreende-me sempre que o Mistério, para nos fazer perceber as palavras decisivas da vida, as faça acontecer. Em vez de nos dar uma teoria sobre a graça e sobre a audácia, fá-las acontecer, e assim compreendemos, porque está ao alcance de todos. Faz acontecer o amor a um filho, porque só pode perceber o

quanto lhe querem bem quando o vê acontecer na sua própria vida. Às vezes eles precisam de muitos sinais para se poderem render a isto; e se depois de tantos sinais se podem render é só por isso, porque o veem acontecer! Nenhum tipo de discurso, nenhum tipo de apelo teria poder sobre eles. Só a graça de uma ternura infinita para com eles é que, com o tempo, pode fazer florescer até os mais resistentes. Obrigado.

B. A SURPRESA DO "TU"

Sommacal. A surpresa do outro como essencial para a própria vida não é uma coisa que se torna evidente simplesmente porque alguém o afirma. É uma surpresa, ponto. E ainda mais surpreendente é dar-mo-nos conta de que dentro desta diversidade – porque o outro é diferente de mim, e de como eu penso que sou ou deveria ser –, através desta diversidade o Senhor vem ao meu encontro, como dizia a intervenção anterior. «Estavas dentro da pessoa que eu acolhi e eu não sabia. Agradeço-te, ó Cristo, por me teres levado a realizar uma coisa que eu não teria feito», diz o "Fio Condutor", citando *don Giussani*.

Sou pai de um rapaz adotado, do Extremo Oriente. Neste período, eu e a minha mulher estamos a passar por várias dificuldades e questões críticas na relação com ele. O nosso filho – que, no fundo, é um rapaz bom e simpático –, também por causa da sua doença, muitas vezes tem atitudes e comportamentos agressivos e violentos em relação a nós e a quem o rodeia, colegas, amigos, etc., gerando situações de tensão nos diversos contextos que o levam ao isolamento, circunstância que ele detesta. Diante destes desafios quotidianos, surge muitas vezes a pergunta dramática: «O que é que eu fiz de mal para merecer isso?»; ou: «Senhor, o que queres de mim com esta situação?».

Estas interrogações, embora muitas vezes surjam com um tom de pretensão e raiva, não me fazem negligenciar a circunstância na tentativa de tolerá-la ou ignorá-la, ou retesar os músculos na esperança de suportar a situação até que haja uma mudança (se houver).

O "Fio Condutor" deste ano, a dado momento, citando don Giussani, diz: «Estavas dentro daquele rapaz, daquele companheiro, estavas dentro da pessoa que eu acolhi e eu não sabia». O pedido para descobrir o significado e o que há de bom para mim nesta situação interessa-me muito, para não perder tempo. Queria pedir-te uma ajuda para perceber quais são os passos que devo dar para aprofundar esta descoberta.

No "Fio Condutor" está escrito: «Acolher é deixar o outro entrar [...] definitiva e totalmente, a ponto de abraçar os seus limites e as suas feridas». Nas muitas experiências de acolhimento que fiz, este ponto para mim foi sempre uma provocação e um desafio. No acolhimento atual, eu vivo e percebo isto ainda mais: estamos a acolher um rapaz com muitas dificuldades, especialmente um distúrbio que não lhe permite continuar os estudos, nem viver uma vida plena. Passa os seus dias no quarto, na cama, quase sem quaisquer relações connosco, nem com os nossos filhos. Esta situação tornou ainda mais evidentes os meus limites e a dificuldade de estar diante daquilo que, n'Ó Milagre da Hospitalidade, don Giussani chama de «diferente de si». Ainda no "Fio Condutor", diz-se: «Estavas dentro [...] da pessoa que eu acolhi e eu não sabia»; eu sei isso, mas esqueço-o, porque às vezes o cansaço prevalece. O que é que me permite abraçar o meu filho a fundo e dar a mim mesma as razões do que me sustenta nos momentos mais difíceis?

Carrón. O que há de bom, dizia a pessoa que falou antes, nesta situação em que os filhos vos colocam? Se há alguém que vê o quanto – devido a uma história do passado, a uma infância difícil – todas estas crianças se sentiram rejeitadas, não acolhidas, passaram por situações verdadeiramente dolorosas, são vocês; e, em muitas ocasiões, vocês dão-se conta de que a possibilidade de as abraçar está para lá das vossas capacidades, como tu dizias ainda agora. Então uma pessoa pergunta-se o que há de bom para si nisto. É o que eu te pergunto a ti. O que é que experimentaste em todo este desafio como sendo bom para ti? Porque eu só te posso dizer o que eu experimentei de bom nos desafios a que a vida não me poupou. A ti não te poupa os teus, a ela os seus e a mim os meus. Todas as situações em que me encontrei, segundo o desígnio de Outro, foram preciosas na minha vida porque, sem precisar de me perguntar quem tinha razão ou não (isso não me importa), me colocavam em caminho, me desafiaram e continuam a desafiar-me. O que é que tudo isto me traz de bom? Que eu não posso estar diante destes desafios constantes sem fazer memória. Como dizia Bernanos: «A injustiça... não julgues

que a vais repelir fixando-a nos olhos como um domador... Olha para ela o estritamente necessário e nunca olhes sem rezar» (G. Bernanos, *Diário de um pároco de aldeia*, Paulinas, Lisboa 2016). Não se pode olhar por muito tempo para o mal, para a doença ou para o sofrimento sem nos colocarmos diante de uma Presença. Então, para mim, o silêncio, a memória como busca constante de Cristo, é a única coisa que me permite esperar pelo tempo de outro. A partir do momento em que começamos uma relação com o outro, não podemos decidir *a priori* qual é o tempo dele, por isso é preciso esperar. E enquanto o outro caminha segundo o seu tempo – porque não sabemos como e o que vai acontecer –, nós o que é que fazemos? Quem nos sustenta nesta situação? O que é que nos permite abraçá-lo assim como é? Só a consciência, que devemos renovar constantemente, de termos sido abraçados e de continuarmos a ser abraçados por Cristo. Por isso, quando me encontrei com o Luca, disse-lhe que não sabia como poderiam estar diante destas situações, e como poderiam estar diante delas sem uma familiaridade com Cristo; seria impossível. Então, que bem é que esta situação te traz, amigo? Que bem é que te traz a ti, amiga? A possibilidade de dizer, como afirma Giussani no texto que vocês citaram: «Estavas dentro daquele rapaz, [...] estavas dentro da pessoa que eu acolhi e eu não sabia». Era Ele que vinha bater à vossa porta: «Acolhem-me?». Para acolher esta diversidade que é o outro – com toda a complexidade que só vocês conhecem – durante todas as horas do dia, não há nenhuma medida, nenhuma energia, nenhuma natureza – para voltar à frase de São Tomás – que nos possa tornar capazes de abraçar assim. Só é possível devido à audácia que vem constantemente da graça. Só por este voltar a Ele, surpreendendo-nos novamente com toda a paciência que o Mistério tem para conosco, com toda a misericórdia que Ele tem para conosco. É o espanto diante desta infinita preferência do Mistério por nós o que nos permite acolher o outro. Sem isso, sem experimentar de novo esse abraço, não no passado, mas agora, agora, será muito difícil, se não impossível, abraçar o outro; iria prevalecer, como dizia o amigo anterior, a raiva, a incompreensão ou a pretensão sobre todas as atitudes com que vocês se deparam. Nós não podemos acompanhar pessoas assim sem fazer este caminho. Como é que vocês se conseguem abraçar a vocês mesmos sem fazer memória pela manhã? Achamos que são sempre os outros que nos criam os problemas; e nós? Como é que nos podemos abraçar sem O deixar entrar? Como seria uma manhã em que não O conseguíssemos encontrar? Como seria esse dia? Como para um filho que não encontrasse a vossa presença. Nós podemos perceber isto bem; por acaso achamos que precisamos menos disso do que eles?

C. A AUDÁCIA DE UM ENCONTRO

Sommacal. Com as duas próximas intervenções, gostaríamos de expressar a audácia na dinâmica de um encontro. Na primeira, a audácia como amor pela liberdade do outro, ou seja, aceitar um passo que tu não controlas, experimentando uma espécie de vertigem, uma relação que não sabes aonde te levará. Na segunda, a audácia de se expor e ir ao encontro dos outros com todas as suas dúvidas – e fragilidades, ousaria dizer –, sendo, precisamente por isso, testemunho de um eu renovado.

Quando adotámos o nosso filho, uma adoção internacional, ele já tinha 9 anos e, agora, tem 22. Ele foi abandonado ao nascer e sempre viveu numa instituição, exceto dos 5 aos 7 anos, em que viveu em casa de uma tia.

O caminho revelou-se logo árduo e, passados apenas dois ou três anos, a relação entre mim e o meu filho entrou em curto-circuito e, como consequência, tive que adotar, como remédio e medida de proteção, uma distância quer afetiva, quer física. Durante muitos anos, não tive quase nenhuma relação com ele e apenas me limitei a responder às suas necessidades básicas: alimentá-lo, comprar algumas roupas, coisas deste género. Nesse período, o tempo parecia-me perdido e todos os dias me perguntava qual era o sentido de uma maternidade assim: não construía nada e, por isso, pensava que nada de bom poderia acontecer ao meu filho (ele não se dava com os amigos que, na minha opinião, poderiam ajudá-lo, nem frequentava os ambientes que poderiam ajudá-lo, e também tinha deixado de ir ao psiquiatra).

Ao mesmo tempo, frequentando a Associação das Famílias de Acolhimento e, em particular, estando com alguns amigos, vi e percebi que não era automático e que o destino do meu filho se jogava num horizonte e num tempo diferentes do que eu pretendia e, portanto, a única coisa concreta em que eu podia confiar era a oração. Confortou-me sempre muito aquela passagem do Evangelho em que Maria e José perdem Jesus e têm de voltar a Jerusalém para o procurar; e quando o encontram, Nossa Senhora diz: «Por que é que nos fizeste isto? Estávamos angustiados à tua procura!»; a passagem termina dizendo que Maria guardava no seu coração

tudo o que lhe acontecia. Então, disse a mim mesma: «Se ela estava angustiada, eu também posso estar!». Também nós, como Maria e José, não percebemos o que os nossos filhos dizem ou fazem. Mas a parte mais difícil para mim foi "guardar" o que estava a acontecer. Para guardar é preciso lembrar, proteger e cuidar, enquanto eu só queria que tudo passasse, queria esquecer. E como sozinha não conseguia guardar, encontrei – graças a Deus – um coração maior do que o meu, o coração desta companhia de amigos, que ajuíza e acompanha, ao longo do tempo, uma posição humanamente insustentável.

Um dia, quando o meu filho tinha cerca de 19 anos, sem qualquer sinal particular que o deixasse prever, fez com que eu encontrasse o rascunho de uma carta em que me falava do "tormento" que tinha no coração há anos e, nessa mesma noite – antes que eu pudesse fazê-lo – veio ter comigo e, desatando a chorar, abraçou-me pedindo desculpa.

Aconteceu o que eu julgava impossível! E aconteceu de uma forma ainda hoje misteriosa para mim, que me relembra que o meu filho – mas isto é válido para qualquer pessoa – é, no fundo, um mistério, e não posso reduzi-lo ao que ele faz, ao que sei sobre ele ou ao que eu predetermino para ele.

Hoje, aquela distância está claramente mais pequena, mas tenho sempre um desejo (ou uma tentação?) duma maior proximidade e, talvez, até duma intimidade com ele. Às vezes penso que se eu fosse a sua mãe biológica não teria este desejo, porque ele teria sido satisfeito à partida com a gravidez. Mas depois, apercebo-me de que também nutro o mesmo desejo em relação aos meus amigos e ao meu marido.

Então pergunto: é um desejo perigoso? Onde me pode levar?

Do "Fio Condutor" deste ano, leio: «Acolher é deixar o outro entrar na nossa vida: agora, definitiva e totalmente, a ponto de abraçar os seus limites e feridas. Um outro por quem, por nossa vez, somos acolhidos, numa dinâmica de reciprocidade que só o amor torna possível. É um encontro entre duas liberdades misteriosamente em relação uma com a outra». O meu filho entrou na minha família desta forma, total e definitivamente, porque foi primeiro acolhido e depois adotado. Acolhemos os seus limites e as suas feridas, e, por nossa vez, fomos acolhidos dentro dos nossos grandes limites como pais ao sermos aceites por este filho que confiou totalmente e se entregou a nós.

Mas o que acontece quando, de repente, depois de um longo e intenso percurso feito de coisas boas e positivas, alguns meses depois da adoção, desperta nele um forte desejo de retomar o contato com os seus pais biológicos e com todos os seus familiares? O que acontece quando, um belo dia, ele te pede para o levares, com a irmã, a casa dos pais não só para poder finalmente vê-los novamente depois de tantos anos, mas também para jantar e talvez até dormir lá? O que acontece quando eu e a minha mulher, já tomados pelo desânimo e pela dor, somos informados de que ele gostaria de ir em breve para o seu país de origem para começar o seu próprio negócio, determinado e convencido dos seus propósitos, porque lá estarão sempre os seus ex-pais e parentes para o ajudarem financeiramente?

Depois, de repente, numa Escola de Comunidade onde manifestei o meu sofrimento como pai, um amigo que me ouvia atentamente "desarma-me" completamente dizendo «estou fascinado com a tua postura, sou atraído por esta tua liberdade e este amor pelo teu filho. Não estás desfeito? Eu estaria de cabeça perdida, no teu lugar. Queria saber como consegues e queria perceber melhor. Percebe-se muito bem a tua experiência nas Famílias de Acolhimento». Senti um grande choque. Eu tinha chegado à Escola de Comunidade com o desejo de "esvaziar o saco" e ser ajudado, mas na realidade saí de lá como testemunha de uma Realidade (com r maiúsculo) que se impõe e de uma liberdade verdadeira e de um bem não moralista, que só agora entrevejo na relação com o meu filho.

Carrón. Que bem vos pode trazer esta situação? A consciência do teu filho como mistério, já não reduzido à imagem que tens ou tinhas dele, como todos podemos fazer com nós mesmos ou com os outros. Além disso, pode alargar o horizonte do nosso olhar, como contou a amiga que falou antes de ti, que viu acontecer coisas que passados dezanove anos considerava absolutamente impossíveis. Diante destas situações verdadeiramente desafiadoras, somos todos forçados a alargar, a dilatar a capacidade de compreensão da realidade que é sempre maior do que a nossa "filosofia". E isto permite-nos estar diante do mistério do outro, da sua liberdade, amando este mistério, amando esta liberdade, porque só assim podemos verdadeiramente amar a nossa liberdade e ficarmos espantados diante do mistério que somos. Aquele «mistério eterno do nosso ser», tão caro a Leopardi (G. Leopardi, «Sopra il ritratto di una bella donna», in

Id., *Cara beltà...*, vv. 22-23, Bur, Milão 2010, p. 96) sem o qual não podemos perceber toda a diversidade do nosso ser homens. Muito diferente de mecanismos! Encontramo-nos diante de um ser, de um outro totalmente diferente de nós, que constantemente nos supera por todos os lados.

Como quando um rapaz adotado, passados anos, quer regressar à casa dos seus pais biológicos: surge novamente o mistério do outro. Vocês tomaram conta dele durante anos, cuidaram dele de uma forma "alucinante". E, de repente, o mistério do outro aparece, baralhando todas as nossas imagens! E agora? O que é que tu descobres, que bem descobres para ti, ainda que dentro da dificuldade de ver partir um filho? A tua liberdade, que não sabias que tinhas, e que espanta um amigo teu que te diz: «Estou fascinado com a tua postura, sou atraído por esta tua liberdade e este amor pelo teu filho. Não estás desfeito? Eu estaria de cabeça perdida, no teu lugar». Isto baralhou-te e sentiste um grande choque.

Onde é que podemos aprender estas coisas? Nalgum livro? Não, só as aprendemos, uma a seguir à outra, virando-nos para aquilo que acontece. Se ela não tivesse visto acontecer aquilo que viu, teria podido jurar que tinha acontecido alguma coisa de diferente? Depois de uns anos como aqueles, teria dito: «Nem em sonhos!». No entanto, há sempre espaço para uma novidade. E isso é uma esperança também para nós, tanto que um amigo consegue identificar esta liberdade. Por que é que alguém se sente tão impressionado com a tua liberdade? O que é que te permite ter esta liberdade? Quase sem te dares conta, viste crescer em ti uma superabundância de amor, encontraste em ti uma tal experiência de ser amado que alguém próximo de ti disse uma coisa que te baralhou: «Eu estaria desfeito». Vamos levar estas coisa para a tumba, porque constituem o nosso sermos homens no mundo e mudam a realidade mais do que aquilo que pensamos; muda-nos a nós, em primeiro lugar, e depois os outros que, quando veem estas coisas não podem deixar de ficar espantados. É para isto que devemos olhar. Quando, diante de alguma dificuldade, vocês se colocam perguntas como as desta noite, justíssimas – têm todas as razões para fazerem perguntas deste calibre –, nenhuma resposta que eu vos possa dar terá a capacidade de vos convencer mais do que aquilo que vocês viram e veem acontecer na vossa vida. Por isso, o que me interessa é que vocês se deem conta daquilo que estão a dizer, mais do que aquilo que vos possa eu dizer! Dão-se conta de que na vossa experiência, na realidade que vivem, se encontra a resposta para as vossas perguntas? Porque as respostas vão para lá de qualquer previsão vossa! Porque acontece aquilo que vocês consideravam impossível acontecer quanto ao mistério e à liberdade do outro, tanto que quando vimos isso encarnado em alguém, não podemos deixar de ficar espantados. Ao mesmo tempo, este espanto que tu vês no outro toca-te. Isto é muito forte! O Mistério volta a dar-to, encarnado, não faz um discurso: faz, sim, com que o outro fique tão impressionado que te devolve o espanto feito carne. Senão, nem te darias conta de que eras «testemunha de uma Realidade que se impõe e de uma liberdade verdadeira, de um bem não moralista, que só agora entrevejo na relação com o meu filho». Os vossos filhos estão a gerar-vos!

D. EXPRESSÕES DA AUDÁCIA

UMA OBEDIÊNCIA ATIVA ÀS CIRCUNSTÂNCIAS

Sommacal. No "Fio Condutor" diz-se que no acolhimento a audácia não é «uma aposta baseada nas nossas próprias forças ou no acaso, mas uma obediência ativa às circunstâncias, marcada pela esperança».

Nos últimos meses a minha mulher adoeceu e – o que lhe trouxe muito sofrimento – isso impede-a de fazer muitas das coisas que fazia antes, ela que sempre foi o pilar da nossa família numerosa e dos muitos acolhimentos vividos. Nos primeiros tempos, eu esperava com confiança pelo dia seguinte, pedindo ao Senhor que aos poucos permitisse que a sua saúde melhorasse. Passaram-se as semanas e os meses e, a certa altura, vi-me numa encruzilhada: ou ficava zangado, ou mudava a forma de olhar para aquela circunstância e para o tempo que me era dado, os filhos, o trabalho, e as minhas energias, que tantas vezes me faltam. Tentei começar a amar aquela situação tal como era, com todas as mil facetas que fizeram vir ao de cima, ainda agora, a minha enorme inadequação em responder ao que ela sempre fez por todos nós. Mas é uma posição que é difícil de manter. Parece-me intuir que seguir a realidade é começar a amar as coisas que me acontecem, tal como elas são, mesmo as coisas pequenas e aparentemente sem grande valor, ou aquelas que no decorrer do dia nos bloqueiam. E assim, situação após situação, a minha vocação vai-se revelando cada vez mais, ou seja, o modo como o Senhor faz

com que eu volte a sentir-me alegre dentro do gosto pelas coisas. Porém, precisamente por ser uma posição que exige que eu peça continuamente, peço-te uma ajuda para perceber melhor o que é que me pode salvar da tentação de passar de um seguir a realidade para um seguir a ideia de realidade que eu tenho na cabeça. O que significa viver uma obediência ativa às circunstâncias e não uma aposta que apoio apenas nas minhas forças?

Muito obrigada, mesmo! *Eu achava que o acolhimento que estamos a viver e que sempre vivemos era o antídoto para o niilismo, e que todo o trabalho de ajuda às famílias me tornava imune a ele. Mas o trabalho realizado este verão fez-me pensar muito, e tornou-se mais clara a percepção de que o niilismo se instala no meu esquecimento de que sou filha.*

Muitas das situações que encontro são tão difíceis e dolorosas que às vezes me deixam aflita, levam-me a um empenho quase frenético, ou a sentir uma certa tristeza porque vejo tantas famílias boas que se poderiam dedicar um pouco mais. E pergunto-me: será que o niilismo pode assumir o rosto desta pretensão ou deste ativismo?

Outra face do niilismo que descobri em mim com dor – mesmo com dor –, está em pensar: «Estes jovens não mudam, talvez nunca mudem», ou: «Estas famílias fazem estes erros, já tentámos de mil maneiras, mas parece que elas não mudam». Então, surge uma desconfiança sobre o presente, mesmo tendo assistido a tantos milagres e a tantas coisas que mudam, como se dissesse: «Aqui não há nenhuma hipótese».

O acolhimento acontece graças a movimento do coração, um coração que se deixa "comover", a ponto de dizer: «Vá, vem para minha casa!». Como discernir essa comoção quando, depois, resulta numa aflição, numa pretensão, num sentimento de culpa por não sabermos responder adequadamente a algumas necessidades? Percebo a grande diferença que é uma obediência calma a uma circunstância dada.

Carrón. Parece-me que a pessoa que interveio antes de ti nos deu a chave para superar a alternativa entre o ficar zangado ou o mudar. Dizia que aceitar uma situação problemática não é fácil, é humanamente difícil, e depois usou a palavra vocação. Parece-me que se perceber isto é útil para todos, para vocês é crucial, porque vocês estão sempre numa encruzilhada, como ele dizia, desafiados de todas as maneiras pela complexidade da situação que os filhos têm de atravessar devido à sua história, às circunstâncias pelas quais passaram – coitados! – sem terem culpa disso.

Se uma pessoa não reconhece que a circunstância é a modalidade através da qual o Mistério a chama a responder, acho que será difícil seguir em frente. É difícil para qualquer um, é tanto mais difícil quanto mais a pessoa é desafiada! O ponto é se nós temos um interlocutor adequado ao desafio. A culpa não é do filho ou do outro: podemos dar todas as explicações, fazer todas as análises possíveis e imagináveis, mas no final de contas, quem é nosso interlocutor último diante desta situação? Como tu dizes: é o acolhimento que é o antídoto para o niilismo, ou é o ser filha? É aqui que se vê a diferença entre depositar a nossa esperança num ativismo ou numa pretensão de que os outros mudem, porque isto não nos faz resistir numa situação como esta! Só a possibilidade de uma relação pessoal com Cristo é que preenche a vida e nos dará a oportunidade de esperar pela liberdade deles, sem pressa, sem pretensões, sem nos irritarmos. É inevitável, é normal, que estejamos sempre aflitos: desejamos o bem dos filhos, que eles encontrem o seu caminho, que tenham menos dificuldades e que nós também tenhamos um pouco menos. Tudo isto é absolutamente desejável, não o podemos evitar, mas o problema surge quando as coisas não acontecem de acordo com o nosso tempo: o que fazemos enquanto esperamos por tudo aquilo que desejamos e não sabemos quando vai chegar? De facto, não podemos viver apenas do futuro que ainda não conhecemos. Só podemos esperar se, a cada instante, vivermos de uma relação que preenche afetivamente a nossa vida! Se não vivermos da superabundância que só Cristo pode trazer, dependeremos sempre do êxito, do resultado das nossas tentativas que não são suficientes para responder ao desejo de plenitude que cada um de nós continua a ter. Para poder olhar com esperança, numa postura de espera, para o modo como se realizará o desígnio de Outro sobre o nosso filho, para podermos estar diante desta vertigem – é assim que Giussani descreve a religiosidade, como uma posição vertiginosa diante do Mistério – é preciso sermos filhos, como disse a nossa amiga. Por ser Filho, Cristo pôde esperar pelo caminho de cada um de nós e continua à espera, assim como esperou pelo caminho de Pedro! Portanto, não é uma estratégia o que fará com que nos libertemos do ativismo ou da desconfiança sobre a mudança: só a certeza de sermos filhos. Ninguém pode olhar para o próprio filho sem a consciência de ser, por sua vez, filho de um Pai bom, que está a responder ao meu

desejo e também responderá ao bem do filho que eu não sei qual será, não conheço, de facto, a forma através da qual o Mistério o irá alcançar.

Que bem é que esta situação nos traz? Pedem-nos uma relação única com Cristo, para podermos viver de forma adequada o acolhimento. O vosso caminho para Cristo não é paralelo, mas passa através de tudo o que vocês contaram, caso contrário vocês não aguentariam! Só quando sou desafiado como vocês, ainda que por tantas outras coisas, é que sou obrigado a uma relação ainda mais familiar com Cristo, caso contrário não resistiria. É este o bem que vos traz um filho. É evidente que seriam poupados a muitas coisas se tivessem escolhido uma vida menos desafiante, mais calma. Eu também teria sido poupado a muitas coisas se tivesse ficado em Espanha!

Mas não teríamos percorrido um caminho que nos levou a uma intensidade na familiaridade com Cristo e a ver acontecer aquilo que parecia impossível, como dizia há pouco um de vocês. É este o bem que nos trazem os filhos e os outros: a possibilidade de fazer um caminho vertiginoso, certamente, mas exatamente por isso, cheio de espanto por vermos coisas que quem escolhe uma vida mais cómoda nunca poderá ver. Porque não é possível vê-las espreitando pela janela, só as vê quem mete as mãos na massa, como vocês fazem. Basta ouvir as vossas histórias para vibrar de comoção. Algumas coisas não as conseguimos perceber, nós e vocês, sem sermos desafiados, porque isso nos leva a ver aquilo que de outra forma não poderíamos ver.

PRESENÇA COMO UM TRABALHO QUE SEGUE O QUE UM OUTRO FAZ

Sommacal. Uma outra expressão da audácia é arriscar uma presença, indo ao encontro de outras realidades e colaborando na construção do bem comum. Leio uma citação do “Fio Condutor”: «Queremos ajudar-nos a não perder a plenitude de vida que experimentámos arriscando uma presença no mundo, abertos a ir ao encontro de quem, como nós, ainda tenha a coragem de se espantar e, por isso, o desejo de construir».

Nunca, como neste período, pensei tanto nas palavras que nos disseste no ano passado e que repetiste na Jornada de Início de Ano: «Seguir a vida que existe». A vida é feita daquilo que o Mistério nos manda e nos faz encontrar. Estou a pensar no facto de alguns dos nossos próximos terem sido recentemente infectados pelo Covid, com tudo o que isso implica, na caridade que vejo entre nós, em particular nalgumas pessoas simples, na experiência de ações conjuntas com tantas associações e serviços sociais, na minha atitude nas últimas eleições regionais, nas quais me preocupava em poder construir e não demolir, tudo isto numa relação recíproca de confiança que cresce. Poderia dar muitos outros exemplos que, além de mim, envolvem muitos outros de nós em diferentes realidades.

Em particular, estou a pensar na minha experiência no Fórum Nacional das Famílias, na relação com o Gigi De Palo, na estima e nas relações que nasceram e se fortalecem, o que nos faz ir além do nosso “quintal”. Penso também no gesto do Rosário que fizemos no dia 7 de outubro e na relação com o Gabinete Nacional da Pastoral da Família da CEI, em especial com o padre Marco Vianelli, chefe do Gabinete, ou com a TV 2000, cujo diretor, depois do Rosário, nos escreveu dizendo que a transmissão «foi uma ocasião para conhecer a vossa experiência de acolhimento, uma das obras mais interessantes nascidas do carisma do Servo de Deus, Monsenhor Luigi Giussani, mas também para apreciar o cuidado com que vocês prepararam a celebração do Santo Rosário». Retomo o que tu disseste na Jornada de Início de Ano sobre a importância de acolher os factos em vez de ceder às interpretações.

Como é que nos podemos ajudar nesta experiência, tanto pessoal quanto associativa, para continuarmos a estar em relação e em contato com todos? Como é que se joga a minha responsabilidade em tudo aquilo que faço?

Carrón. Simplesmente como tu disseste: seguindo a vida que existe. Porque todas as coisas que tu referiste – do Rosário ao Fórum das Famílias, aos encontros com as pessoas que referiste – são ocasiões. Podemos aproveitá-las para partilhar com os outros a graça que nos chegou através do carisma, ou podemos desperdiçá-las. Não há uma estratégia em particular, o ponto é que cada um, na sua vida, se depara com colegas, encontra pessoas que trabalham nas instituições civis, outras nas instituições eclesiais. Não ficamos no nosso quintal, porque graças a toda a vida que há entre vocês, é impossível ficar no quintal de casa! Todas as coisas de que vocês falaram demonstram que cada gesto, ainda que pequeno, é público, tem um relevo público. E as pessoas, que não são ingénuas, apercebem-se da novidade, da diferença que esse gesto traz. A novidade, a diversidade não dependem de manifestações clamorosas, basta o

cuidado com que prepararam o Rosário: ele foi apreciado. As pessoas estão cada vez mais atentas para identificar no pormenor uma diferença. Comunicamo-la vivendo, porque não há outra forma para não perder a plenitude da vida; não fazemos as coisas para obter o reconhecimento dos outros – que, às vezes, até o concedem – porque vivemos já da superabundância daquilo que nos acontece. Depois, em alguns momentos, podemos até agradecer pelo conforto de receber um reconhecimento, mas já fomos pagos para lá de qualquer tipo de medida: o cêntuplo aqui, que experimentamos, vai para lá de qualquer medida.

E. COMPANHIA (O “TU” PRESENTE)

Sommacal. As últimas intervenções que propomos querem ajudar a aprofundar o que significa a companhia entre nós. Tudo o que dissemos até agora gera e sustenta as Famílias de Acolhimento – retomando o “Fio Condutor”. Gera e sustenta a nossa Associação, porque gera e sustenta cada um de nós, gera uma unidade da pessoa que, dentro de uma companhia humana, se move e se mete em campo, abrindo-se para o mundo.

O verãõ a seguir à pandemia encontrou-nos mais desejosos de um Bem que não acaba. Tivemos a possibilidade de encontrar muitas pessoas, algumas só por telefone, outras pessoalmente. Ficámos mais contentes por seguir a realidade porque não estávamos sozinhos. Dentro das inúmeras restrições, muitas vezes me interroguei: o que é que resiste ao impacto do tempo? O que é que resiste diante de tanto medo que ainda existe, diante de tanta confusão que encontro no meu local de trabalho todos os dias? Só uma Presença que está aqui, que me espera e que me ama, da qual eu preciso como do ar que respiro. Através dos muitos encontros, fiz experiência deste bem que chegava através de pessoas que nunca tinha visto e para as quais eu me tornava familiar, e elas para mim. Conservarmos juntos a esperança, mantermos elevado o desejo do coração neste momento é difícil, mas na experiência torna-se palpável que Ele realiza este Bem e que isso se torna familiar para a minha vida, tanto que posso contá-lo aos outros, porque é tão carnal que nunca mais o esquecemos. Uma Graça que enche o meu coração de gratidão e me abre à vida. «Da graça nasce a audácia», diz o “Fio Condutor”. A audácia de apoiar concretamente amigos nossos que vivem a ferida de um filho adotado que volta para a sua família biológica; a audácia de ir ao encontro de famílias novas; a audácia de uma família que queria fazer a experiência do acolhimento; a audácia de contactar os Serviços Sociais para continuar a perceber e a construir um caminho. Não há nada mais bonito do que partilhar um caminho, com a intensidade de Van Thuan (no seu livro) quando se dirige a um jovem que queria ser padre: «Que tu possas ser uma presença do Deus vivo». Aqui está: ser uma presença do Deus vivo! Cada vez mais; no caminho do acolhimento, isto salta ainda mais à vista porque a realidade nos aperta e às vezes sufoca.

Uma companhia assim, que reza por ti, que passa pelo dom concreto de um amigo, é disto que sinto cada vez mais necessidade: uma maior proximidade e familiaridade entre nós, que é também caridade. Ajudas-nos nisto?

Eu e a minha família atravessamos um período muito difícil. Sinto o desejo de dizer: «Amigos, quero viver com vocês esta dificuldade, não quero sentir-me sozinha».

No seio de uma companhia, quando e como é que este desejo se torna uma pretensão?

Olhando para as histórias e para a vida de tantas famílias como a minha, o que predomina é a ferida. A ferida dos que não podem ter filhos biológicos, a ferida dos filhos que acolhemos, a ferida das famílias que vivem o crescimento dos filhos que acolheram dentro de uma grande revolta, que os leva muitas vezes a fazer escolhas erradas.

Em toda esta enorme dor há um ponto de luz, que é a nossa companhia dentro do Movimento e, em particular, no seio da obra das Famílias de Acolhimento. Através desta experiência “particular”, encontramos muitas pessoas, também de fora do Movimento, que acima de tudo se sentem acolhidas, compreendidas e não julgadas.

Os nossos filhos mais velhos são testemunhas disto. Numa conversa com o meu filho, que foi pai recentemente, ele disse-me: «A minha rebeldia, a minha raiva comigo mesmo e com o mundo – que teve consequências negativas – nascia essencialmente do medo! Medo de quê? Do abandono! Mas depois percebi que olhar apenas para o meu passado e para o meu mal não me deixava ser feliz! Então comecei um percurso: comecei a olhar para o meu presente, para vocês,

que estiveram sempre presentes e que nunca me prenderam, que me deixaram livre para errar, que me disseram: "Agora é bom que tu assumas a tuas responsabilidades"; ora, isso permitiu-me olhar para mim mesmo e pensar também num futuro! Depois conheci aquela que agora é a mãe do meu filho, mas não a poderia ter reconhecido como um bem se não tivesse iniciado este percurso».

Como é que podemos conservar na nossa obra esta peculiaridade "do acompanhamento das famílias" sem querer eliminar a ferida, mesmo que sangue ou que doa?

Carrón. Só há uma maneira, como ouvimos: olhando (dizia-o há pouco uma de vocês) para o que resiste diante desta situação. O que é que resiste diante das feridas? Cada um de nós deve olhar para o que o faz estar de pé, o que o faz esperar quando um filho faz aquilo que tu contaste sobre o teu. O que é que resiste, o que é que vos sustenta? Por quê? Porque, como disse a amiga que falou antes de ti, queremos viver tudo! Mas como? Não podemos viver sem a luz desta companhia. Mas o que é esta companhia? Como é que podemos verdadeiramente ser companhia uns para os outros? Só se a nossa companhia for uma companhia que, como disse o teu filho, responde ao medo profundo que o leva a revoltar-se: o medo de ser abandonado. Onde é que ele pode apoiar a certeza de que, aconteça o que acontecer, não será abandonado? Só se ele vir que nós, em primeiro lugar, vivemos desta experiência: não somos abandonados. Hoje falava com uma pessoa particularmente angustiada com este abandono e não pude deixar de lhe dizer o que ouvimos no Antigo Testamento: "Ainda que o teu pai ou a tua mãe te abandonassem, eu, porém, nunca te abandonaria" (cf. Is 49,15). Nós só podemos acompanhar-nos, mesmo entre as feridas que temos, só podemos resistir diante de todos os desafios, se tivermos uma esperança baseada numa coisa presente, tão frágil como a nossa companhia, mas que é sinal da Sua presença. Caso contrário, as nossas energias, ainda que estejamos juntos, não serão suficientes para nos sustentar. Porque não é apenas uma questão de apoio físico, mental ou psicológico. Não, porque se trata do único apoio que realmente responde, na raiz do nosso ser, àquela necessidade última à qual só Cristo pode responder. Por isso, se a nossa companhia não nos leva até aí, não só não poderemos acompanhar-nos verdadeiramente, como não conseguiremos fazer companhia nem aos nossos filhos. Porque está estampado no nosso rosto se temos uma resposta para o medo, para o medo de sermos abandonados.

É fatal quando os filhos alcançam esta clareza, porque é assim que nos ensinam o que precisamos de ter presente! Nós muitas vezes respondemos aos sintomas, mas eles dizem-nos qual é a origem dos sintomas! Nós víamos a revolta e todas as coisas estranhas que faziam, nós víamos todo o seu desconforto e todas as suas reações, nós víamos tudo isso e, muitas vezes, respondíamos apenas a isso. E eles, que bem nos trazem? A consciência de que, por trás dos sintomas, em algum momento, surge a verdadeira necessidade. Mas só podemos identificar a verdadeira necessidade se nos acompanharmos a esse nível da nossa necessidade profunda. Se não respondermos a isso, o nosso empenho reduz-se a um ativismo, dizia a nossa amiga antes. E o reconhecimento que podemos obter – pelo amor de Deus, não desprezem isto – não é adequado para responder ao medo profundo do abandono que paira sobre eles!

Eu julgo que isto nos mostra o que está em jogo. Nós dizemos: «Mas que bem é que estes filhos nos trazem?». A resposta é que eles nos levam a uma profundidade de vida, nos levam a uma verdadeira consciência de qual é o coração do drama humano, aos quais, sem eles, seria difícil chegar. Muitas vezes, de facto, não conseguimos sequer aproximar-nos do turbilhão em que vivemos. E eles levam-nos precisamente até lá e dizem-nos qual é a sua verdadeira necessidade, que também é a nossa. Por isso são preciosos, porque nos levam a um nível de profundidade da experiência humana ao qual não chegaríamos sozinhos. Por isso é que às vezes devemos aceitar tanta revolta deles, tantas coisas que não percebemos, tantos maus humores, até que tenham a liberdade – que mistério! – de olharem de frente para o seu medo de serem abandonados, coisa que não podiam fazer de tanto que estavam distraídos na sua rebelião, precisamente por causa deste bendito medo de serem abandonados. A determinada altura, descobrimos isto! O nosso interlocutor com os nossos filhos é o medo de serem abandonados, um medo que também é o nosso! É o medo do nada! O medo de que, no final de tudo, não haja nada. O niilismo é este sermos conduzidos para o nada, como diz Giussani, do qual saímos na Criação! Do nada, surgiu alguma coisa. Esta é verdadeiramente a questão.

Por isso, quando lemos os relatos que enchem os jornais – e vocês veem isso muitas vezes na vossa experiência –, damos-nos conta de qual é o drama, de qual é a verdadeira necessidade. Além de ter uma casa, além de ter roupas, além de ter aquilo de que nós, tal como eles,

precisamos, é necessário haver companheiros rumo ao destino devido a esta necessidade última, a este medo último do nada, o medo de sermos abandonados. Então começamos a olhar para os nossos filhos não só com comiseração, mas como aqueles que realmente nos levam de volta a este nível da questão à qual, evidentemente – como dizíamos antes – só uma Presença pode responder. Ou esta Presença nos é familiar, e então podemos relacionar-nos com os nossos filhos e entre nós, ou a nossa companhia não será suficiente, se não trouxer dentro de si esta esperança também para eles.

Sommacal. Para terminar, gostaria de te fazer uma pergunta que tem a ver com o olhar entre nós, responsáveis a vários níveis, e às suas implicações na Associação.

Nos Diretivos, nos diversos locais de condução da nossa obra, como é que podemos acompanhar-nos dando-nos o tempo necessário para que amadureça a consciência do passo que estamos a dar, sem que o nosso juízo, em vez de uma ajuda, se torne numa coisa que esmaga o outro? Como é que podemos aumentar a partilha e a comunhão entre nós?

Carrón. Em primeiro lugar, concebendo a vossa responsabilidade como a coisa mais preciosa para o vosso caminho humano, antes do que para qualquer tipo de organização. Porque, como estão a ver, vocês só podem conduzir, ajudar ou acompanhar uma associação onde acontecem coisas como as que ouvimos hoje à noite se entenderem isso como um desafio para vocês, e se tudo não se reduzir a resolver os problemas de organização; só assim poderão realmente ajudar-se. Que esta responsabilidade não seja uma coisa que está à margem da vida, como se a vida estivesse noutro lugar; este vosso envolvimento, o estarem juntos é precisamente para a unidade da vossa pessoa, de forma a que quando puderem ou precisarem de dizer uma palavra aos vossos amigos, isso nasça desse caminho que fazem juntos.

Quando peço às pessoas para se envolverem na vida do Movimento, assumindo uma qualquer responsabilidade, sinto um certo receio. O que me dá a liberdade para o fazer é dizer à pessoa: «Convido-te a participar numa aventura em que tudo o que faremos será para caminharmos juntos para o destino». Se não fosse por isso, a vossa participação na Associação seria como uma portagem que é preciso pagar, mas o interesse da vida estaria noutro sítio. Não, o interesse, como vimos esta noite, é estar diante de todas estas questões em primeiro lugar para cada um de vocês, porque só assim podem dar à Associação aquela forma original que se torna um modo de olhar para tudo. Portanto, não vos contentando em ficar ao nível superficial ou organizativo. Irão lidar também com os aspetos organizativos, que são necessários, com uma profundidade desconhecida se não reduzirem tudo a coisas a fazer, isto é, se nós e vocês olharmos para o que está em jogo, como dissemos antes.

Bom caminho para todos! Obrigado por esta partilha, sempre surpreendente para mim.

Sommacal. Obrigado. Sou eu que te agradeço muito – acho que em nome de todos – pelo que nos disseste esta noite, pelo olhar paterno que tens sobre nós e pelo modo como, de forma contínua e profunda, nos estimulas a viver como homens tudo o que nos acontece. Muito obrigado mesmo Julián!

Carrón. Obrigado a vocês! Adeus.